

A Coluna do Kina

DEVANEIOS SOBRE ESTÉTICA II

Musings on esthetics II

Sidney Kina

Imagine centenas de anos atrás, quando um ancestral nosso, mulher ou homem primitivo, pegou algumas pedras e, de forma lúdica, colocou-as lado a lado. Ao observá-las, provavelmente ordenou-as em uma disposição de proporção do centro aos extremos ou vice-versa. Teria feito aí, nesse momento, o primeiro gesto no desenvolvimento da forma e da arte. É até admissível que, nesse estranho ato, de forma intuitiva, ele tenha obedecido, no arranjo de suas pedras, a princípios de equilíbrio visual que seriam formulados muitos séculos mais tarde. Desde lá, regras ou fundamentos estéticos estão presentes em várias atividades humanas relacionadas à cultura e, especialmente, à arte. Os fundamentos são essencialmente princípios organizadores do design das coisas, cuja influência está arraigada, na maioria das vezes, na observação dos padrões médios apresentados pela natureza, ou da preferência intrínseca de uma maioria em determinada sociedade. Seu princípio tem raízes nas culturas mais antigas, onde o pensamento estrutural – mesmo antes de sua última codificação, no modernismo europeu e americano – já era traço característico das culturas organizadas. Os chineses, os japoneses, os gregos, os romanos, os incas e muitos outros povos seguiram ideias estruturais ao desenhar, compor, construir e organizar imagens. Bons exemplos dessas regras organizadoras estão presentes no design proposto em várias cidades da antiguidade – cuja estrutura se baseava no cruzamento de eixos que correspondiam à intersecção do céu e da terra – enquanto em vários ramos da arte a orientação das proporções baseadas na “proporção áurea” (1:1,618) foi – e é – norte para vários artistas e pensadores. Mas, ao mesmo tempo em que são amados, os fundamentos estéticos também são odiados pelos pressupostos absolutos intrínsecos a sua concepção. Para alguns os fundamentos fazem parte incontestável do processo de trabalho, oferecendo precisão, ordem e clareza. Para outros são símbolos de opressão estética, uma prisão sufocante que atrapalha a busca de expressão. Numa discussão sobre estética, uma simples conversa sobre o lugar das coisas, o simples “pôr ordem na casa”, pode gerar conflitos insolúveis de opiniões. No contexto de nossa era, avaliando o curso da liberdade de pensamento e da cultura em geral, o princípio unificador dos fundamentos estéticos – e o valor de outras ideias organizadoras – é um tema que merece ser discutido. Para

mim, regras e fundamentos estéticos (proporções e referências) só funcionam se, depois de resolver os problemas literais propostos, forem conjugados ao pensamento livre, indo além da uniformidade implícita em sua estrutura, criando uma narrativa visual dinâmica. Afinal, o maior risco das regras é sucumbir a sua regularidade. Os fundamentos estéticos são guias invisíveis, que estão por baixo do design pretendido; e o conteúdo verdadeiro acontece por cima, às vezes contido nele, às vezes livre dele. Portanto, quando nos sentimos imobilizados, quando a aplicação dos fundamentos de estética não são possíveis (ou não são convincentes), voltemos ao básico. Isso porque a harmonia da imagem – o belo e o feio – é determinada pelo “olho do observador”, e não por fundamentos lineares e matemáticos. Como profetiza Tadao Ando, “[...] há uma parte que resulta do raciocínio lógico e outra criada pelos sentidos. Existe sempre um ponto em que ambas se chocam. Não me parece que se possa criar arte sem essa colisão”. Não podemos, de fato, criar nada. O instinto e a percepção natural o fazem. Essa é a essência.

Para saber mais:

Kina S. Equilibrium: cerâmicas adesivas case book. São Paulo: Artes Médicas; 2009.

Sâmara T. Grid: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify; 2007.

Jodido P. Ando: complete works. Cologne: Taschen Spring; 2007.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br